



## **Herança ou apropriação: até quando existirá a Belle Époque paraense?<sup>1</sup>**

Fabíola Mescouto Lourenço<sup>2</sup>  
Otacílio Amaral Filho<sup>3</sup>

### **RESUMO:**

Este artigo apresenta uma análise das mudanças ocorridas na cidade de Belém, Pará, em dois momentos: na época da Belle Époque, e da Belle Époque aos dias de hoje. É importante frisar que essas mudanças não somente ocorreram no âmbito físico, arquitetônico, mas também em seus aspectos funcionais, de valores, a fim de reinserir a cidade no molde de produção e de mercado que hoje são ditados. A análise tem como parâmetro os estudos de Adorno e Horkheimer sobre indústria cultural, e de Terry Eagleton e Néstor García Canclini sobre cultura e culturas híbridas, procurando colocar em palavras o conhecimento apreendido, fazendo uma relação entre uma época passada e uma época presente.

**Palavras-chave:** cultura; hibridação; indústria cultural; Belle Époque; mudanças.

### **1 INTRODUÇÃO**

Em decorrência da economia gomífera, na qual a fabricação da borracha através da extração do látex da seringueira era a principal atividade desenvolvida, foi atribuído a Belém o papel de principal e maior porto de escoamento desta produção. Posto esta atribuição, o contingente populacional aumentou em grande escala, fazendo a região um local de trânsito para várias pessoas e culturas, haja vista a necessidade de passar pelas ruas e pelo centro da cidade para efetuar o comércio.

Diante das mudanças que ocorriam com o capital internacional e com a necessidade de uma infra-estrutura local capaz de suprir as necessidades de uma classe social em ascensão (seringalistas, comerciantes, fazendeiros), instaurou-se uma política de organização, modernização e embelezamento da cidade de Belém, processo esse que ficou conhecido como a Belle Époque, que perdurou de 1870 a 1912.

### **2 UMA ÉPOCA BELA**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à disciplina Estudos de Temas Amazônicos II, ministrada pelo Professor Doutor Otacílio Amaral Filho, no primeiro semestre de 2010.

<sup>2</sup> Estudante do 7º semestre de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal do Pará, e-mail: fabiola@ilc.ufpa.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, e-mail: otacilio@ufpa.br



Para acompanhar as transformações capitalistas, era preciso investir na cidade de uma forma totalmente nova, aplicando as novas formas de produção em prol da modernização, de forma a facilitar o movimento da produção do látex e formando divisas para os países centrais.

Como resultado dessa necessidade, a Belle Époque instaurou em Belém uma nova roupagem, representada nos novos prédios e novos costumes.

“No final do século XIX e início do XX, assistiu-se, na sociedade brasileira, à transformação do espaço público, do modo de vida, a propagação de uma nova moral e a montagem de uma nova estrutura urbana, cenário de controle das classes pobres e do aburguesamento de uma classe abastada. A substancial inovação da historiografia brasileira, inserida numa nova proposta de reescrever o discurso histórico, resgatou da memória dos oprimidos as lembranças contidas pela dominação” (SARGES, 2000, p. 21)

Essa ação primando o embelezamento da cidade estava intimamente ligada à economia e aos valores estéticos de uma classe com bagagem cultural vinda da Europa, então centro da economia mundial, fonte de riqueza e modelo a ser seguido. A Art Nouveau, estilo da arquitetura e artes plásticas em destaque na Europa, aparece aqui na Belle Époque como padrão nas construções. O recém assumido “superintendente” Antônio José Lemos foi o grande responsável pelo processo modernizador da cidade, com destaque nos anos de 1898 a 1911, quando consolidou Belém com a chamada “condição urbana”.

Característica clara dessa condição urbana foi a divisão entre as áreas destinadas aos burgueses abastados e higienizados e as áreas periféricas destinadas à população trabalhadora e pobre. Além disso, pode-se observar, através das imagens disponibilizadas no acervo histórico, que ruas e avenidas foram arborizadas, duplicadas e calçadas, o serviço de bondes foi implantado, assim como a construção de hotéis de luxo e espaços de lazer para a burguesia. Em contrapartida, fazendo parte da política de “higienização” e “limpeza urbana”, foram construídos o Asylo de Mendicidade, destinado aos mendigos que não poderiam ficar circulando pelas ruas, o Crematório de Cadáveres, para que a população deixasse de enterrar falecidos nos quintais das casas, e até o Hospital dos Alienados, construído para abrigar e cuidar daqueles desprovidos de saúde mental. Todas as medidas foram pensadas em prol da beleza da cidade, para que



esta se tornasse vistosa e agradável aos olhos dos visitantes e da burguesia abastada que aqui vivia.

### 3 A CULTURA DOS ABASTADOS

Antônio Lemos foi o representante da elite que desejava transformar Belém em um marco, desejo esse que foi alcançado quando ela recebeu o título de *A Francesinha dos Trópicos*. Era o dever de levar a modernidade e a civilização para um local que, dizia-se, nunca antes havia conhecido qualquer uma dessas coisas.

Diante disso, é possível encontrar uma fala de T.S Eliot:

“Na sociedade ideal de Eliot, então, todas as classes sociais vão partilhar a mesa cultural, mas a tarefa da elite será “promover um desenvolvimento maior da cultura em sua complexidade orgânica: cultura em um nível mais consciente, mas ainda a mesma cultura” (EAGLETON, 2000, p.166)

Isto posto, fica clara a prática desta teoria, quando a classe em ascensão determina as mudanças da cidade em prol de uma forma de produção e mercado. É pertinente também registrar o forte eco da hibridação na época, já que esta, de acordo com Canclini, prima pela não existência de fontes puras, ou seja, são processos socioculturais que, existindo de formas separadas e posteriormente unindo-se, formam novas estruturas, formadoras de outras, e assim por diante. Isto nada mais é do que o estilo de arquitetura aqui implantado na Belle Époque: a Art Nouveau é, em si, uma mistura de várias influências, escolas literárias e traços recortados de diferentes partes da Europa ocidental e oriental.

Além da hibridação, é com surpresa que podemos nos deparar com características na indústria cultural naquela época. Afinal, a indústria cultural parte do pressuposto do “um para muitos”, e que aqui se converte em “da elite para sociedade como um todo”. De acordo com Adorno, na ideologia da indústria cultural o conformismo substitui a consciência, as decisões aplicadas pelos detentores do poder são aceitas sem objeção, exemplo claro foi a maneira como a repaginação e reconfiguração estética e comportamental se deu em Belém na época da Belle Époque: não houve uma preocupação em saber se a população concordava ou não, apenas foi imposto que todos aceitassem.



“O descaramento da pergunta retórica: “Mas o que é que as pessoas querem?” consiste em dirigir-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.135)

Entretanto, observamos a não resistência da sociedade, já que as mudanças propostas de fato traziam a melhoria de vida. O objetivo da indústria cultural é a dependência e servidão dos homens, então, na época da Belle Époque, era a satisfação compensatória que a indústria cultural trazia às pessoas dando a sensação de que tudo estava em ordem graças à “reestruturação” da cidade, parecendo com um lugar extremamente desenvolvido.

“Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114)

O fato de dizer que podemos observar com surpresa a presença dos conceitos de indústria cultural é que este conceito se faz presente muito em função dos meios tecnológicos, da reprodução massiva através de mídias eletrônicas que naquela época não existiam – existia apenas a escrita –, entretanto, este fato não nos impede de ainda encontrar, como citados acima e como ainda serão citados, aspectos desta indústria no final do século XIX e início do século XX.

Retomando a observação das mudanças ocorridas na época da Belle Époque, a reconfiguração da cidade baseada nos estilos arquitetônicos da Europa também é característica na indústria cultural, afinal, nada mais é do que uma imitação, repetição de arquitetura e valores – ainda que não seja através de uma mídia, e sim da vida.

#### **4 HERANÇA OU APROPRIAÇÃO**

Até este momento, o artigo fixou-se na observação das características e mudanças ocorridas na época da Belle Époque. Agora, é válido fazer a análise das mudanças que ocorreram daquela época até os dias de hoje. Dentre essas mudanças, podemos citar também a presença da indústria cultural – agora mais forte – e da hibridação.

“Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Busca-se *reconverter* um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado.” (CANCLINI, 2006, p. 22)

Pode-se dizer que esta fala de Canclini representa com totalidade o processo que se instaurou na cidade de Belém desde o fim da Belle Époque, em 1912. A reconversão do patrimônio deixado como herança foi, em certos casos, enorme. Não se pode dizer que foi apenas uma reconversão física, foi também funcional.

A apropriação se deu em vários momentos e em vários prédios, entretanto, foi escolhido para compor o presente trabalho apenas dez: o Instituto Lauro Sodré, o Hotel América, o Hospital da Beneficente Portuguesa, o Necrotério Público, o Hospital dos Alienados, o Asylo de Mendicidade, o Café da Paz, o Central Hotel, o Grande Hotel e o Palacete Bibi Costa. Vislumbra-se em uma pequena quantidade destes a herança – ainda que de alguma forma tenha ocorrido modificações –, porém, na maioria o que se vê é a mudança.

Ainda na esfera da hibridação, esta apropriação e reconversão também se dão na forma como os novos prédios, em detrimento dos antigos, são formulados. A utilização de materiais vindos de outros lugares de dentro e fora do Brasil, a inspiração em artes modernas estrangeiras, baseadas em estudos americanos, enfim, todo esse processo de reconstrução de um espaço físico tem, em si, aspectos híbridos, nunca puros.

Atualmente, podemos perceber que essa mudança estabelecida nos prédios antigos da Belle Époque se deu por duas razões: a primeira, pelo anseio de grandes empresários em criar novos pólos de investimento e oportunidades para lucratividade; a segunda, pela forma de o Estado se apresentar e mostrar algum interesse em preservar uma cultura antiga, para que assim possa estabelecer uma melhor relação com a população. Como exemplo, podemos destacar a mudança do antigo Hotel América para Casas Pernambucanas, e atualmente Manolito, uma loja de atacado e varejo. Esta reconversão tanto física quanto de valores nos mostra, de forma clara, a apropriação a fim de se inserir numa produção capitalista e ter lucros. Outro exemplo é o antigo Necrotério Público, o qual já passou de restaurante à floricultura, e agora se encontra como uma Sede de Fiscalização da Prefeitura, ou seja, serve ao aparelho político da cidade.



Como Adorno (1985) diz: “a indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo”, portanto, nitidamente observamos que as mudanças ocorridas no que ficou de herança da Belle Époque em nossa cidade foram em prol do capitalismo desenfreado, em nome da lucratividade dos detentores do poder.

Utilizando os prédios escolhidos para a análise do trabalho, podemos inferir: o Instituto Lauro Sodré, antes um espaço destinado à educação, hoje em dia tem sua funcionalidade completamente alterada, visto que lá se encontra o Tribunal de Justiça. Além disso, podemos perceber que, por mais que sua estrutura física não tenha sofrido alterações, agora o prédio possui anexos, destoantes de sua arquitetura antiga, mostrando mais um exemplo de hibridação. O Palacete Bibi Costa, antes residência do major Carlos Brício da Costa, sofreu demolições em boa parte de seu prédio original, e sofreu total reconversão em sua funcionalidade, que de residência passou a Sede da Administração das Hidrovias da Amazônia Oriental, e hoje se encontra abandonado. O Hotel América, como antes mencionado, passa de luxuoso ambiente para loja de atacado e varejo da cidade. O Café da Paz, antes um centro de lazer para as elites, hoje não apresenta nenhum resquício de sua antiga arquitetura, e menos ainda qualquer relação entre os serviços: hoje funciona como sede do Banco da Amazônia. O Grande Hotel, apesar de em termos de serviço ainda ser um hotel – Hotel Hilton –, não mais apresenta qualquer similaridade com a forma de receber visitantes e com a arquitetura: os grandes salões de café da manhã não existem mais, as programações culturais e artísticas presentes naquela época também desapareceram, e a estrutura física foi completamente modificada.

O Central Hotel, também lugar luxuoso e destinado a ricos visitantes que vinham em nome do comércio do látex, hoje é uma loja de departamentos popular, a C&A, que embora tenha tentado preservar ao menos a fachada do antigo hotel, apresenta mudanças internas do espaço físico. O Hospital da Beneficente Portuguesa, antes dedicado somente ao tratamento das elites e de famílias vindas da Europa – daí o nome Beneficente Portuguesa –, hoje é um hospital aberto ao público, com uma nova roupagem de serviços, que incluem laboratório, consultórios, inexistentes naquela época, e que para conseguir oferecer todos estes novos serviços, estabeleceu uma mudança física em sua estrutura, ainda que mantenha parte de sua fachada intacta. O Necrotério Público, também já mencionado, perdeu a identidade visual de uma



capelinha para um prédio mais simples, no qual vários serviços já foram oferecidos, mas hoje se encontra em poder da prefeitura e funciona como sua Sede de Fiscalização.

Por fim, dois estabelecimentos importantes para exemplificar o que na época foi a chamada “higienização” da área urbana de Belém: o Asylo de Mendicidade e o Hospital dos Alienados. Procurando ainda dar assistência, mas ao mesmo tempo não deixar que pessoas capazes de incomodar de alguma forma a ordem e a visualidade da cidade interferissem, foram construídos estes dois estabelecimentos em áreas na época mais afastadas do centro. Hoje, o Asylo de Mendicidade passou a também servir como órgão do Estado, sendo a Escola de Governo Dom Macêdo Costa, mantendo apenas um pouco de sua antiga fachada, e o Hospital dos Alienados que foi completamente demolido, e onde hoje funciona um dos *campi* da Universidade Estadual do Pará.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Procurando fazer um estudo diferente da Belle Époque na cidade de Belém, relacionando a indústria cultural e os processos de hibridação, podemos ver, através dos registros fotográficos da época, como a cultura de então se choca e ao mesmo tempo se remodela com a cultura presente nos dias de hoje, visto que aquela era uma adaptação dos valores europeus, e esta é uma tentativa de inserção no mundo capitalista, que não muito se importa em manter aspectos antigos da história, em suas diversas representações – costumes, arquitetura, artes, etc. –, mas ainda assim, em alguns casos, mantém ao menos uma herança arquitetônica.

Fica então a dúvida, de até quando esta herança de uma época de ouro para a cidade de Belém continuará de pé, se apropriação capitalista não irá engoli-la aos poucos, deixando como único registro a memória dos poucos que tiveram a chance de viver a Belle Époque paraense.

## REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M.. **A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.** *Dialética do Esclarecimento - fragmentos filosóficos.* Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. **Comunicação e Indústria Cultural.** 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.



CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. 4ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

PARÁ. Secretaria de Cultura do Estado. **Belém da Saudade: A memória da Belém do início do século em cartões postais**. 2ª ed. Belém: Ver. Aum, 1998.





## ANEXOS

**FIGURA 1:** Montagem com o antes Asylo de Mendicidade, hoje a Escola de Governo Dom Macêdo Costa.



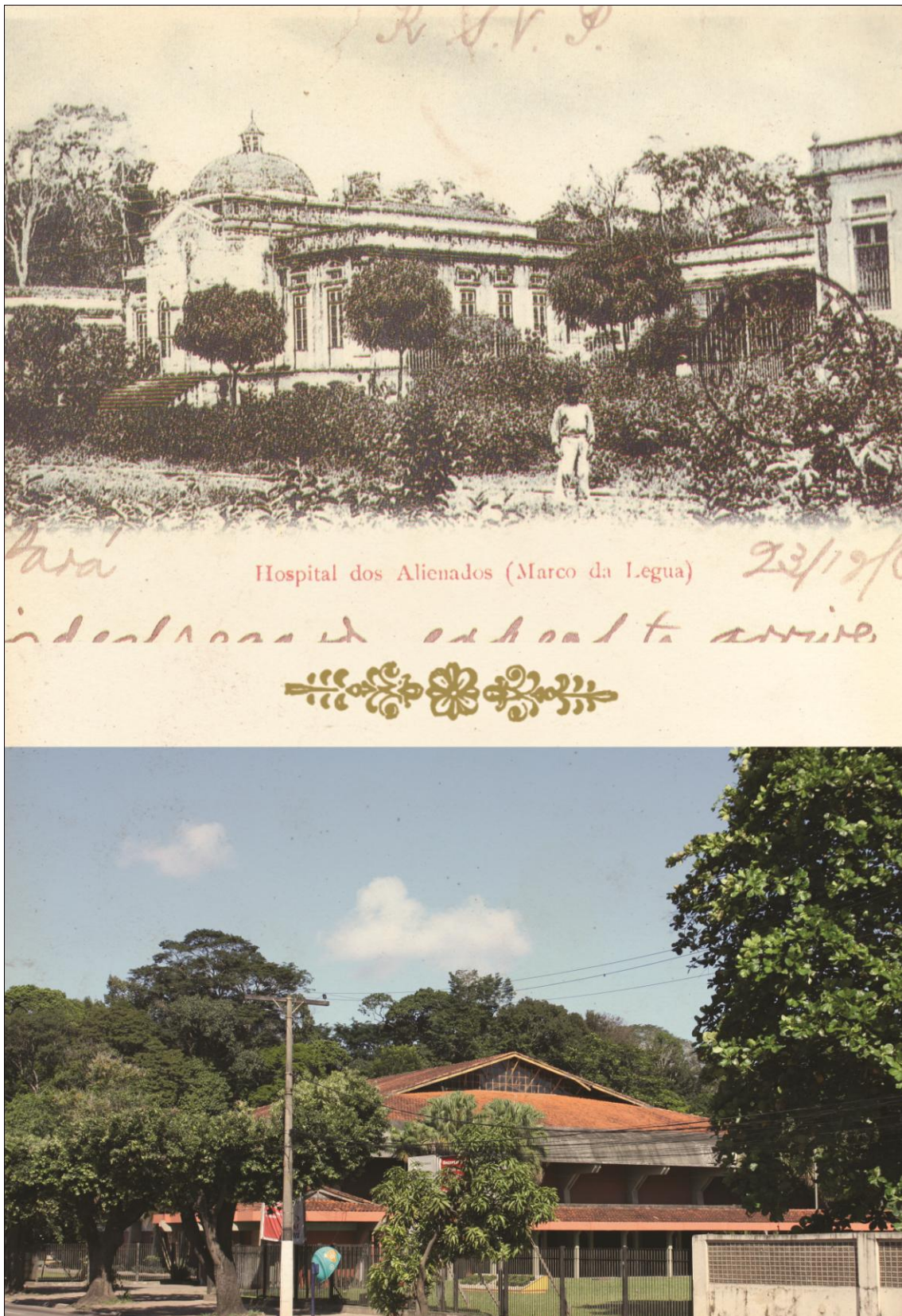


**FIGURA 2:** Montagem com o antes Grande Hotel, hoje Hotel Hilton.



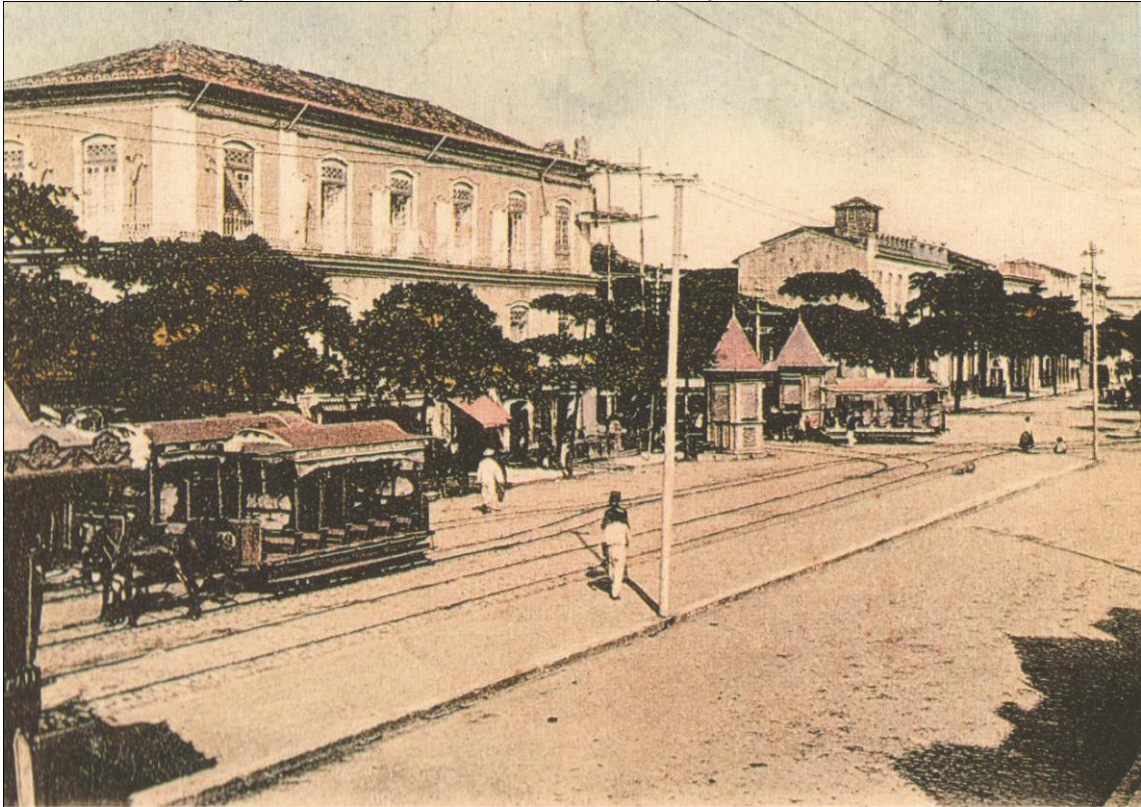


**FIGURA 3:** Montagem com o antes Hospital dos Alienados, hoje *campi* da Universidade Estadual do Pará.





**FIGURA 4:** Montagem com o antes Hotel América, hoje loja de atacado e varejo Manolito.



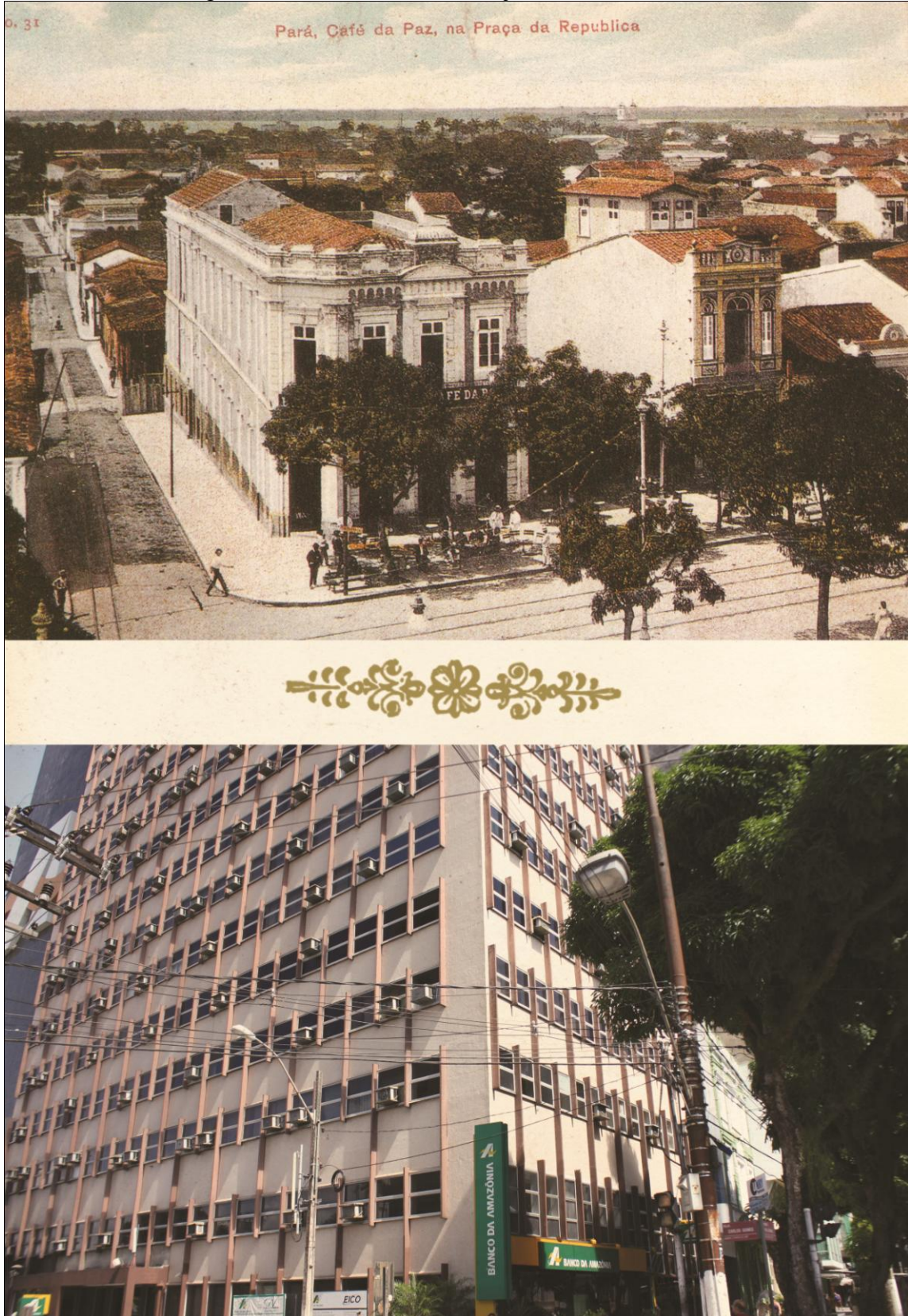


**FIGURA 5:** Montagem com o antes Hotel Central, hoje loja de departamentos C&A.





**FIGURA 6:** Montagem do antes Café da Paz, hoje Banco da Amazônia.



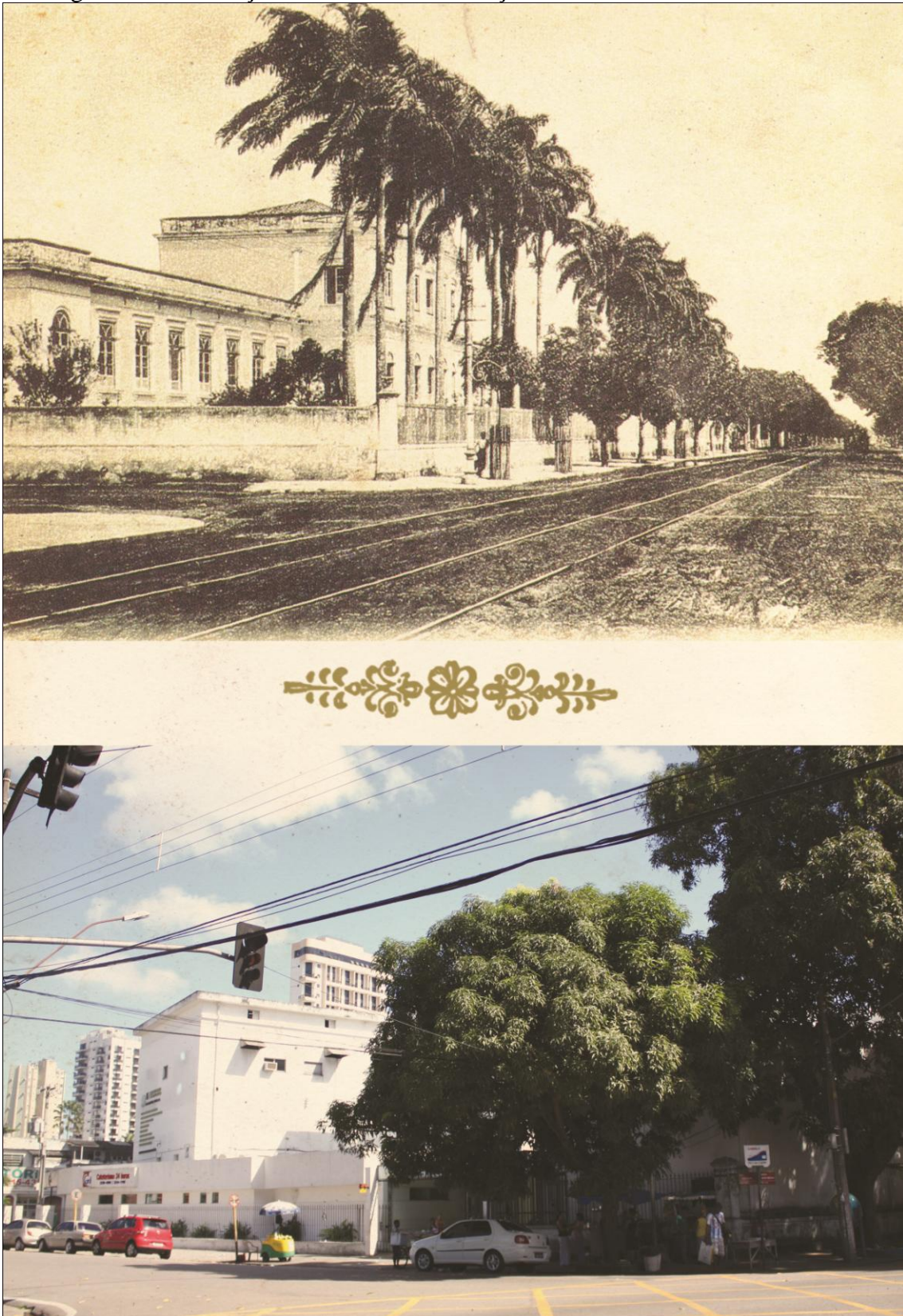


**FIGURA 7:** Montagem do antigo Instituto Lauro Sodré, hoje Tribunal de Justiça do Estado do Pará.





**FIGURA 8:** Montagem do antigo prédio do Hospital Beneficente Portuguesa, e o novo, com algumas reformulações em estrutura e serviços.







**FIGURA 9:** Montagem do antes Necrotério Público, hoje Sede de Fiscalização da Prefeitura, mantendo o nome da antiga floricultura que lá funcionou.





**FIGURA 10:** Montagem do antigo Palacete Bibi Costa, residência, e hoje um prédio quase que totalmente reformulado e abandonado.

